



LIGA PERNAMBUCANA CONTRA O ANALFABETISMO (1917-1922)

Clotildes Farias de Sousa¹

GT12 - História da Educação.

Resumo:

A Liga Pernambucana contra o Analfabetismo é objeto de estudo neste trabalho. Fundada em 1917, no âmbito dos movimentos educacionais republicanos, a instituição poderia ser enquadrada na perspectiva analítica do “entusiasmo pela educação”, facilmente. Todavia, revelá-la como um movimento associativista é a proposta principal do artigo, para além dos consensos estabelecidos na literatura histórico-educacional brasileira. Isso é possível mediante descrição dos acontecimentos que a envolvem nos primeiros anos de funcionamento, entre 1917 e 1922. Fontes jornalísticas como “A Província” e “Jornal do Recife” facultam a exposição dos fatos, uma vez submetidas à crítica historiográfica. À observação histórica alia-se a teoria de Alexis de Tocqueville, para compreensão do “associativismo voluntário”.

Palavras-chave: Alfabetização. Liga Pernambucana. História da Educação.

Abstract:

The Pernambucan League against illiteracy is object of study in this work. Founded in 1917, under the Republican educational movements, the institution could be framed in analytical perspective "enthusiasm for education", easily. However, reveal it as an associative movement is the main purpose of the article, in addition to the consensus established in the brazilian educational history literature. It is possible upon description of the events that involve in the first years of operation, between 1917 and 1922. Journalistic sources as "the province" and "Jornal do Recife" provide exposure of the facts, once submitted to historiographic criticism. The historical observation alia-if the theory of Alexis de Tocqueville, for understanding of "voluntary associations".

Keywords: Literacy. Pernambuco State League. History of education.

¹ Aluna do Doutorado em Educação (UFS). Orientanda do Prof. Dr. Dilton Cândido Maynard. Membro do Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS). E-mail: clotildesfs@gmail.com



INTRODUÇÃO

O Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico ainda funcionava no prédio do Ginásio de Pernambuco quando em seus espaços realizou-se a fundação da Liga Pernambucana contra o Analfabetismo, em 06 de março 1917. Essa associação foi criada em um momento de grandes expectativas sociais, no auge da Primeira Guerra (1914-1918) e dos dilemas enfrentados pelo Brasil às vésperas do Primeiro Centenário de Independência (1922). O país ressentia-se à época por estar atrás de muitas nações do globo no quesito educação e a Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo foi uma das soluções apontadas por grupos sociais distintos para o suposto atraso em que vivia o povo brasileiro. As circunstâncias históricas que envolvem a institucionalização da Liga Pernambucana contra o Analfabetismo são fatores importantes de análise, tanto quanto as características intrínsecas do modelo de organização institucional adotado.

O objetivo principal do estudo é conhecer a Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo sob o prisma da constituição, dos sujeitos e práticas, bem como do envolvimento na organização da educação nacional mais ampla. É, também, compreendê-la a partir das mudanças culturais que motivam a adoção de determinados modelos de organização institucional e não como mero reflexo das mudanças política, econômicas e sociais.

Nas edições dos jornais “A Província” e “Jornal do Recife”, produzidas entre 1917 a 1926 e disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional, há referências a Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo. É comum o uso de fontes digitalizadas na pesquisa histórica desde o alargamento da noção tradicional de documento (LE GOFF, 1984). A *Internet* e outras mídias passaram a ser exploradas em estudos que extrapolam o âmbito da História Digital (BURTON, 2005 *apud* ALMEIDA, 2011).

O jornal “A Província”, editado por Jose Mariano Carneiro da Cunha, circulou na capital de Pernambuco entre 1872 e 1933. Foi impresso na Tipografia do Comércio pela primeira vez. No período de 1917 a 1922, esse órgão do Partido Liberal esteve comprometido com a política do Governador José Rufino Bezerra Cavalcanti e entrou em disputa com o “Jornal de Recife”. Mas, nos anos seguintes acirrou os conflitos políticos, com o apoio ao candidato da oposição, Eduardo de Lima Castro, adversário de Jose Henrique Carneiro da Cunha. A participação na arena política teve fim em 1930, com a venda do material tipográfico e maquinaria para “O Estado” (NASCIMENTO, 1966).



Dirigido por Joao de Barros F. de A. Maranhão, o “Jornal do Recife” circulou em Pernambuco entre 1859 e 1938. Impresso na Tipografia Acadêmica, a princípio denominou-se “Revista Semanal de Ciências, Letras e Artes” e teve como fins: instruir, deleitar e moralizar sem pedantismo, mau gosto e aborrecimentos. Em 01 de janeiro de 1862 transformou-se no “Diário Comercial, Agrícola, Industrial, Literário e Noticioso”, de publicação matutina. Em 01 de abril de 1894 tornou-se porta-voz do Partido Progressista, uma coligação dos dissidentes dos Partidos Conservador e Liberal. Anos depois, em abril de 1916, passou a editar uma versão vespertina e travou controvérsias com o jornal “A Província” devido às mudanças ocorridas no governo do Estado. Em 1929 o jornal apoiou a campanha da Aliança Liberal ao defender as candidaturas de Getúlio Vargas e Joao Pessoa a Presidência e Vice-Presidência da República, ambos apoiados pelo Partido Democrata de Pernambuco. As atividades de o “Jornal do Recife” foram suspensas em 1938.

Os periódicos pernambucanos circularam naquele contexto brasileiro já analisado de proliferação da atividade jornalística (MARTINS, DE LUCCA, 2006). Os jornalistas ascenderam e passaram a compor os quadros do poder, ganhando outra visibilidade e se impondo profissionalmente na Primeira República. Esse era o contexto do apogeu do café, diversificação das atividades produtivas, estabelecimento da nova ordem política, avanços dos meios de comunicação, das técnicas tipográficas e de ilustração. Enfim, era o momento da difusão do urbanismo e aceleração da alfabetização.

Há informações contrastantes nos jornais acerca da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo. Observá-las é condição para o entendimento desse modelo de organização institucional, sem conformação de consensos preestabelecidos na pesquisa brasileira pertinente. A historiografia educacional brasileira mais recente ainda considera as ligas contra o analfabetismo expressão do “entusiasmo pela educação” (NOFUENTES, 2008; SOUSA, 2004), convém perguntar se esse modelo explicativo ajuda na compreensão do objeto pesquisado, de fato.

Na perspectiva de Jorge Nagle (2001), a fase embrionária do entusiasmo pela educação acontece nos anos de 1910 e significa uma crença no poder da escola como instrumento de organização nacional. Nessa fase, o entusiasmo pela educação é uma teoria que explica a necessidade da simples multiplicação de escolas, com base nos altos índices de analfabetismo e nas supostas consequências da massiva ignorância: doença, corrupção, preguiça. Essa teoria é comprometida com razões sociais, econômicas e religiosas exteriores ao universo específico da educação – com a ampliação das bases eleitorais, formação de



trabalhadores urbano-industriais e expansão do catolicismo. O entusiasmo pela educação é a expressão política das organizações nacionalistas, a exemplo da Liga de Defesa Nacional e da Liga Nacionalista de São Paulo, cujos programas fundamentam-se na ideologia das elites (militares, civis e religiosas) preocupadas com a conservação ou superação da ordem vigente liberal, capitalista e cristã (NAGLE, 2006).

Miriam Warde (2000) problematiza os conceitos “entusiasmo pela educação” e “otimismo pedagógico”, reunidos no livro “Educação e Sociedade na Primeira República” (1976) (NAGLE, 2001). A autora lembra que as categorias - tantas vezes empregadas nos estudos da educação (escolar) abstraídas dos conteúdos inerentes, resultaram do esforço intelectual do autor em compreender determinados elementos empíricos. Ambas se referem às tendências que emergiram na Primeira República, às iniciativas oficiais dos Estados e da União, às reformas estaduais e do Distrito Federal. Englobam um conjunto de questões específicas comuns à administração escolar, em todos os níveis e modalidades de ensino - escola primária de tempo integral, ensino técnico-profissional, normas de funcionamento das instituições escolares, “espírito literário” *versus* “espírito científico”, regime universitário. Portanto:

Ainda são pertinentes ao âmbito em que delimitou, ao termo e ao cabo, a sua pesquisa. Por certo que, despregados desses enquadres de pesquisa e, mais do que isso, pensados em perspectiva, esses conceitos exigem, no mínimo, dessaturação para serem ressitoados em outros recortes de pesquisa (WARDE, 2000, p. 162).

De fato, existe coerência no “entusiasmo pela educação” e “otimismo pedagógico” com a abordagem sociológica adotada por Jorge Nagle. Miriam Warde está correta em afirmar que o trabalho dele teve o mérito de propor uma metodologia específica para a pesquisa histórico-educacional, baseada na importância de se buscar o sentido social da educação e constituir os contextos plurais nos estudos realizados, evitando um “contexto” sem conexão alguma com o objeto estudado.

Para análise da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo, convém evitar os “esquemas classificatórios” anteriores (DARNTON, 1986) e criar hipóteses independentes, fundadas em novos problemas (BLOCH, 2001). O método-crítico permite à observação indireta dos vestígios do passado presentes nos documentos e à elaboração de raciocínios lógicos ou fatos históricos (PROST, 2009). A categoria “entusiasmo pela educação” torna-se incompatível com os pressupostos teórico-metodológicos deste trabalho e cede lugar ao “associativismo voluntário”.



Categoria analítica formulada por Alexis de Tocqueville em seus estudos acerca da democracia norte-americana (2004), por “associativismo voluntário” compreende-se uma cultura, antes de qualquer outra definição. É um sentimento de pertencimento a nação, uma consciência que ultrapassa a mera representação de si de um povo. É tradição, hábito ou crença de indivíduos iguais e livres, capazes de deliberar acerca das questões públicas de modo autônomo. A base teórica do associativismo voluntário é o pragmatismo, filosofia assentada no conhecimento significativo, projetado por avanços científico-tecnológicos e voltado para finalidades práticas. A forma política é a democracia liberal, caracterizada pela centralização governamental e descentralização administrativa do Estado. Nesse modelo político, as sociedades livres fazem às vezes do governo nas pequenas iniciativas levadas a efeito no plano cotidiano. Elas controlam o individualismo de homens e mulheres, ao tempo em que são controladas pelo poder governamental e civil ante o risco de a vontade da maioria se transformar em ditadura. As sociedades livres são escolas de cidadania que ensinam a teoria geral da associação ou de como fazer parte de uma coletividade. Nelas desenvolve-se o gosto pela união e se exercita a arte de praticá-la, inibindo o horror das aspirações particulares típicas das sociedades democráticas que visam ao poder do Estado.

As ideias de Alexis de Tocqueville destacam a força do associativismo voluntário para a cultura norte-americana, mas permitem pensar algo similar em outros lugares do mundo. A hipótese deste trabalho é que no Brasil do início do século vinte havia movimentos educacionais associativistas e que a Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo é um deles, conforme se pode observar no seu modo de organização instituição.

LIGA PERNAMBUCANA CONTRA O ANALFABETISMO: UMA SOCIEDADE LIVRE NO BRASIL

A Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo é uma associação voluntária. Longe de ser mero produto da ideologia nacionalista do início do século vinte, produto do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico, réplica da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo ou instrumento de manipulação político-militar, essa organização civil possui singularidades. Mais que um movimento uniforme orientado por Olavo Bilac, supostamente nacionalista burguês, militar e comprometido com a hegemonia do grupo industrial-urbano (ARANHA, 1996; FREIRE, 1989; GHIRALDELLI, 2003; PAIVA, 2003), foi um movimento



diversificado em relação aos grupos sociais integrados, aos objetivos e as ações correspondentes. Fundada nos princípios da cultura liberal moderna, destaca-se pelos princípios políticos democráticos e por uma tradição pragmática, ainda que tais princípios e tradição estivessem submetidos às vicissitudes do contexto brasileiro das primeiras décadas do século vinte.

Um traço peculiar é a composição heterogênea das forças congregadas na associação. Diferentes instituições governamentais e civis reuniram-se sob o nome Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo: Associação dos Empregados do Comércio e Clube de Vasculhadores, Igreja Católica, Sociedade Beneficente Família, Amor e União, Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais e União dos Proletários de Pernambuco. O Liceu de Artes e Ofícios de Recife chegou a abrigar em sua sede o movimento e lhe deu visibilidade, com o incentivo à participação de professores e alunos, a exemplo do Professor Eustógio Wanderley. Auxiliadas pela imprensa pernambucana, essas instituições aproximaram homens e mulheres de visão bastante diferenciada para promover o combate ao analfabetismo.

Personalidades do magistério, magistratura, forças armadas, letras, artes, comércio e indústria integraram o movimento. O professor Pedro Celso, diretor do Ginásio Pernambucano, tornou-se o primeiro presidente da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo. Outros professores associaram-se, a exemplo de Candido Duarte, Oscar Faria, Samuel Agapito Vieira da Cunha. Entre os industriais destaca-se o Coronel José Pessoa de Queiroz, proprietário da Fabrica Pessoa de Queiroz e do “Jornal do Commercio”. Três nomes da política avultam-se: Manoel Antonio Pereira Borba, Manoel Antonio de Moraes Rego e Joaquim Ignácio Baptista Cardozo, respectivamente, Governador de Pernambuco, Prefeito de Recife e Comandante da 2ª Região Militar do Exército.

A Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo é plural, também, por suas ramificações. Cinco subunidades foram criadas nos bairros de Recife: Comitê da Liga contra o Analfabetismo de Encruzilhava, Comitê da Liga contra o Analfabetismo do Arruda, Comitê da Liga Pernambucana do Zumbi, Liga Riobranquense contra o Analfabetismo e do Núcleo Feminino da Liga Pernambucana contra o Analfabetismo de Encruzilhada. A professora Alipia Pereira Lima, diretora do Externato Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, presidiu esse último núcleo. Em 11 de janeiro de 1920 tomou posse a diretoria feminina da Liga Riobranquense contra o Analfabetismo à frente da qual estava Esther Magalhaes, acompanhada de Maria do Carmo Tavares (Vice-Presidente), Angelina de Hollanda (2ª



secretária), Eloida Layme de Mendonça (1ª Secretária), Maria de Brito (tesoureira), Elvira Vianna (oradora).

A atuação das mulheres na Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo indica a abrangência social da organização, pois elas trabalhavam em prol da alfabetização, certamente, da militarização e defesa do ensino primário, mas, também, em prol do movimento pela libertação (CONTRA, 1920; DISCURSO, 1917; DR. JÚLIO'Azambuja, 1920).

As disputas no âmbito da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo revelam formas de controle adotadas por homens e mulheres no cotidiano, ou melhor, do poder governamental e civil. A crítica endereçada ao Governador Manoel Borba e ao General Joaquim Ignácio pela participação deles no movimento de combate ao analfabetismo ia além da retaliação político-partidária, porque se referia às tentativas de intervenção do poder público exercia na sociedade civil (UMA FESTA, 1918; PROCESSOS borbista, 1919). A crítica endereçada aos sócios-diretores, por ocasião do fechamento de onze escolas primárias mantidas pela associação nos bairros da capital pernambucana, não era motivada somente por preocupações de ordem pedagógica, ainda que tenha deixado quatrocentos e dezoitos alunos sem aulas. Visava o Governador de Pernambuco, José Rufino Bezerra Cavalcanti, por ele ter suprimido a subvenção pública recebida pela sociedade desde a fundação (A LIGA contra..., 1920).

A postura de Samuel Agapito Vieira da Cunha, uma das lideranças locais do movimento operário e principal propagandista da Liga Pernambucana contra o Analfabetismo, mostra outro aspecto do movimento do combate ao analfabetismo, ou seja, a capacidade de mobilização social. Na polêmica que envolveu os sócios-diretores e o Governador José Rufino Bezerra Cavalcanti, Samuel Agapito Vieira da Cunha denunciou o prejuízo causado ao povo pelos interesses político-partidários dos membros do grupo. Em sua visão, esse era o real motivo para que escolas fossem fechadas e não a falta de recursos como alegaram os sócios-diretores. Afinal, os orçamentos da Liga Pernambucana contra o Analfabetismo eram condizentes com os compromissos do movimento. Incompatíveis eram as condições de funcionamento das escolas mantidas nos bairros da cidade. Por isso exigia transparência no uso dos recursos coletivos (LIGA contra...,1920).

As precauções relativas à administração do recursos públicos no âmbito da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo mostra o viés moralizador do movimento. A aceitação do movimento pela sociedade local levava ao crescimento das receitas. Em 1918, o Clube dos Repórteres doou a renda adquirida por meio de três conferências de Santos Leite (CLUB,



1918). Walfrido Miranda dispôs 2% da renda dos leilões particulares realizados por ele em 1919 (PHILANTROPIA, 1919). *Matiné* e *soirée* originavam fundos para o movimento, constantemente, assim como torneios de futebol (LIGA CONTRA..., 1917b), festivais de cinema, literatura, música e teatro (7 DE SETEMBRO, 1919; 1920). Isso demandava novas formas de administração financeira.

Longe de ser fruto da alienação política, o movimento pernambucano de combate ao analfabetismo pautou-se na consciência de que o país precisava se organizar para instruir a população: “Uma utopia muito flagrante é esta de comemorar o centenario da Independencia com a abolição completa do analfabetismo no Brasil.” (PRADO, 1919). Se os governantes estavam pouco preocupados com a escolarização, sem recursos em quantidade suficiente para atender as necessidades educacionais e somente a obrigatoriedade do ensino primário poderia por fim ao “cancro corruptor do organismo social, restava à iniciativa civil apontar saídas para, entre outras coisas, o problema da falta de escolas, de pagamento dos professores, do desinteresse da população em aprender a ler e escrever, em promover a cultura liberal e moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto alude ao associativismo voluntário educacional brasileiro das primeiras décadas do século vinte, ao abordar a Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo. Busca conhecer essa organização social sob o prisma da constituição, dos sujeitos e práticas, bem como do envolvimento no contexto nacional mais amplo. Parte do princípio de que as mudanças culturais na década de 1910 motivaram a adoção de determinados modelos de organização institucional estrangeira e, por isso, a associação pesquisada configurou-se como uma sociedade livre de educação.

Diferente das explicações adotados na historiografia educacional brasileira mais recente, as ligas contra o analfabetismo representam um movimento distinto do “entusiasmo pela educação”. Elas significam mais que mero reflexo do nacionalismo brasileiro. Ao menos, nenhuma evidência comprova a hipótese de que a Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo tenha sido um instrumento político-ideológico das elites (militares, civis e religiosas) preocupadas com a conservação ou superação da ordem vigente liberal, capitalista e cristã, exclusivamente. Pelo contrário, os registros denunciam a heterogeneidade de sua



composição, dos seus objetivos e ações. Mais que alcançar a multiplicação de escolas, a preocupação era com a formação política, quer dizer, com a transmissão da cultura liberal moderna que demandava modos específicos de atuação na sociedade. Isso fica notável na presença das mulheres da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo que aprendiam nesse espaço a reivindicar direitos, bem como nos estímulos oferecidos às festividades urbanas.

As diversas iniciativas levadas a efeito em nome da Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo comprovam a existência de um sentimento coletivo, uma crença no poder de resolução de problemas pela sociedade civil. Diferente de alienação política, tal crença advém da consciência crítica acerca da realidade. A certeza de estar em um país desorganizado, com um poder governamental sem condição financeira alguma de implantar o ensino obrigatório, fez as pessoas se unirem e provar o interesse na causa pública.

A Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo é uma associação voluntária. Longe de ser mero produto da ideologia nacionalista do início do século vinte, produto do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico, réplica da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo ou instrumento de manipulação político-militar, essa organização civil possui singularidades. Mais que um movimento uniforme orientado por Olavo Bilac, supostamente nacionalista burguês, militar e comprometido com a hegemonia do grupo industrial-urbano, foi um movimento diversificado em relação aos grupos sociais integrados, aos objetivos e as ações correspondentes. Fundada nos princípios da cultura liberal moderna, destaca-se pelos princípios políticos democráticos e por uma tradição pragmática, ainda que tais princípios e tradição estivessem submetidos às vicissitudes do contexto brasileiro das primeiras décadas do século vinte.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. C. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **EDOS: Revista do Corpo Docente do PPG-HISTÓRIA da UFRGS**. Num.8, vol. 3, Janeiro - Junho 2011, p. 9-30. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776/11939>. Acesso em 24/11/2013.
- BLOCH, M. L. B. A história, os homens e o tempo. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001. p. 51-68.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DE LUCA, T. R. **Leituras, projetos e (re) vista (s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: UNESP, 2011.
- LE GOFF, J. Documento/monumento. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.



- MARTINS, A. L. DE LUCA, T. R. **Imprensa e cidade**. São Paulo: UNESP, 2006 (Paradidáticos Cultura), p. 35-51.
- NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2ª Edição. Rio de Janeiro, DP&A, 2001 (1ª Edição 1974).
- NASCIMENTO, José. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)** – Diários do Recife (1829-1900). Vol. II. Recife: Imprensa Universitária/UFPE, 1966.
- NOFUENTES, V. C. **Um desafio do tamanho da Nação: a campanha da Liga Brasileira contra o analfabetismo (1915-1922)**. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.
- PROST, A. Os fatos e a crítica histórica. In: PROST, A. **Doze lições sobre história**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 51-68.
- SOUSA, C. F. **Por uma Pátria de luz, espírito e energia: a campanha da Liga Sergipense contra o Analfabetismo (1916-1959)**. São Cristóvão, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2004
- TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. De uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 113-146.
- WARDE, Mirian Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2000, n.14, pp.161-165. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782000000200012>>. Acesso em: 06 de fev. 2017.

FONTES

- 7 DE SETEMBRO - as festas hontem nesta cidade em comemoração a grande data. **A Província**, Recife, ano XL, n. 247, p. 2, Recife, 08 de set. 1917.
- 7 DE SETEMBRO. A comemoração da grande data nesta Capital. O festival da 'Liga Pernambucana contra o Analphabetismo'. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXII, n. 242, p. 2, 07 de set. 1919.
- 7 de SETEMBRO. LIGA contra o Analphabetismo. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXIII, N. 246, p. q, 07 de set. 1920.
- A 'LIGA contra o Analphabetismo' e a supressão de onze escolas. **A Província**, Recife, ano XLIX, n. 255, p. 1, 16 de set. de 1920.
- CLUB dos Reporters. **A Província**, Recife, ano XLI, p. 1, N. 96, Recife, 10 de abr. 1918.
- COMITÊ da Encruzilhada. **A Província**, Recife, ano XL, N. 276, p. 2, Recife, 07 de out. 1917.
- CONTRA o Analphabetismo – a notavel conferencia do Dr. Julio de Azambuja no salao nobre da Associação dos Empregados no Commercio. Recife, **A Província**, Recife, ano XLIII, n. 11, p. 1, 12 de jan. 1920.
- CONTRA o grande mal. **A Província**. Recife, ano XLI, p. 2, N. 228, Recife, 20 de ago. 1918.
- CORONEL José Pessoa de Queiroz. **A Província**, Recife, ano XLII, p. 3, N. 287, Recife, 22 de out. 1919.
- COUSAS Diversas. **A Província**, Recife, ano XLII, p. 1, N. 182, Recife, 06 de jul. 1919.
- DISCURSO. **Jornal do Recife**, Recife, ano LX, N. 353, p. 1, 23 de dez. 1917.
- DR. JÚLIO Azambuja. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXIII, N. 9, p. 1, 10 de jan. 1920.
- ESCOLAS da 'Liga contra o Analphabetismo', na Encruzilhada. **A Província**, Recife, ano XLIX, n. 334, p. 3, 4 de dez. 1920.
- ESTADOS do Norte. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXIII, N. 237, p. 5, 29 de ago. 1920.
- EXPOSIÇÃO dos municípios. **A Província**, Recife, ano XL, N. 349, p. 2, 19 de dez. 1917.



- FESTA escolar. **A Província**, Recife, ano XL, N. 343, p. 2, Recife, 13 de dez. 1917.
- FESTAS eucarísticas. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXII, N. 87, p. 1, 30 de mar. 1919.
- LIGA contra o Analfabetismo. **A Província**, Recife, ano XL, N. 276, p. 2, 07 de out. 1917.
- LIGA contra o Analfabetismo. **A Província**, Recife, ano XL, N. 198, Recife, 21 de jul. 1917.
- LIGA contra o Analfabetismo. **A Província**, Recife, ano XLIX, n. 289, p. 3, 20 de out. de 1920.
- LIGA contra o analfabetismo. **Jornal do Recife**, Recife, ano LX, N. 9, p. 2, 03 de mar. 1918.
- LIGA Pernambucana contra o Analfabetismo. **A Província**, Recife, ano XLIII, n. 63, p. 1, 5 de mar. 1920.
- MOVIMENTO escolar. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXIII, N. 259, p. 3, 30 de dez. 1920.
- NA 'LIGA pernambucana contra o analfabetismo. **A Província**, Recife, 03 de mai. 1919.
- NOTAS sociaes – associações. **A Província**. Recife, ano XL, N. 285, Recife, 16 de out. 1917.
- NOTAS sociaes – associações. **A Província**. Recife, ano XLI, p. 2, N. 26, Recife, 27 de jan. 1918.
- NOTAS Sociaes - viajantes. **A Província**, Recife, ano XL, N. 241, Recife, 02 de set. 1917.
- PHILANTROPIA. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXII, N. 91, p. 1, 03 de abr. 1919.
- PRADO, Maviel. As quintas-feiras: o cancro. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXII, N. 239, p. 1, 04 de set. 1919.
- PROCESSOS borbistas - senado. **Jornal do Recife**, Recife, ano LXII, N. 186, p. 2, 10 de jul. 1919.
- SEÇÃO funebre. **Jornal do Recife**, Recife, ano LX, N. 335, p. 1, 05 de dez. 1918.